

## EDITORIAL

---

Nós, os diferentes: “aqueles que trabalham com História Antiga”

*Neyde Theml*

Hoje, nos encontramos diante de um impasse que nos parece único. De um lado, a globalização, promovendo a ampliação do mundo e a anomia, e, do outro lado, o acirramento das nacionalidades e das etnias e o fechamento social em comunidades que se consideram homogêneas.

As informações, os capitais e as mercadorias atravessam fronteiras. O que era distante ficou muito perto e o passado tornou-se cada vez mais presente como recurso tanto de identidade quanto de exclusão social.

Milhares de indivíduos assistem aos mesmos programas de televisão, bebem as mesmas bebidas, vestem-se da mesma forma e utilizam-se para se comunicar de uma mesma língua (cada vez mais, o inglês), dos mesmos veículos e das mesmas imagens simbólicas.

O elemento globalizado atinge bens de consumo, meios de comunicação, tecnologia e fluxo financeiro que atuam diretamente nos valores éticos e morais que orientam a representação de mundo. Globalização significa que tecnologias, objetos e mensagens estão presentes em todos os lugares e não estão ligados a nenhuma cultura ou sociedade. Ao invés de pequenas comunidades, parece que assistimos a fundação de uma sociedade mundial sem diversidade.<sup>1</sup>

Nossa cultura não dirige mais a nossa organização social que, por sua vez, já não orienta as atividades técnicas e econômicas. Percebemos que se separaram: cultura e economia, Estado e economia, mundo instrumental e mundo simbólico. Não vivemos em conjunto e parece que perdemos as nossas referências existenciais.

É interessante observar que, de uma forma ou de outra, toda sociedade conhece uma certa oposição entre a rua e a casa, o público e o privado, os iguais e os diferentes. Observamos que a cultura de massa penetrou em grande parte nas sociedades, nas vidas pública e privada, provocando um reforço no movimento de globalização e ao mesmo tempo aguçando a vontade política e social de se defender da anomia e marcar os limites da identidade sócio-cultural/histórica.

Estamos diante de um dilema: ou nos inserimos no processo de ruptura dos Estados Nacionais, no crescimento dos mercados internacionais e na lógica agressiva e autoritária dos modelos teóricos das matemáticas para sermos considerados homens de alta qualidade e de grande valor ou, em caso contrário, seremos os excluídos, os nacionalistas agressivos, os atrasados e os medíocres.

A separação entre o Estado e a economia, a ruptura do mundo instrumental com o mundo simbólico, a distância entre a técnica e os valores atravessam toda a nossa experiência social, da vida individual à experiência mundial.<sup>2</sup> Os laços que a sociedade local ou nacional estabeleciam, através das instituições, da língua, da educação, da produção dos saberes e dos valores morais e éticos, estão sendo apagados de nossa memória e cresce cada vez mais a nossa participação impessoal numa sociedade de produção/consumo e lazer/virtualidade.

Sem segurança e sem garantias, num espaço sem margens e no domínio da lógica do risco e da incerteza, vivemos duas ordens separadas de experiência: perda da soberania dos Estados Nacionais e crescimento dos grupos locais e das associações transnacionais. Governar um país consiste, hoje em dia, em tornar sua organização econômica e social compatível com as exigências do sistema econômico mundial, mesmo que as normas sociais sejam burladas, as instituições públicas se apresentem como inúteis, liberando um espaço cada vez maior para a vida e interesses privados e organizações voluntárias.

Ontem, para compreender, procurávamos definir uma sociedade, suas relações sociais de produção, seus conflitos e seus métodos de negociação; falávamos de dominação, exploração, reformas ou revolução. Hoje, falamos de globalização ou exclusão, de distância social ou, ao contrário, de concentração de capital, de capacidade de difundir mensagens ou de formas de consumo.<sup>3</sup> Tínhamos como parâmetros nos situar uns em relação aos outros numa escala social do mérito, de qualificação pela riqueza, da educação ou da autoridade/prestígio, dependendo do processo histórico de cada sociedade. Substituímos esta visão vertical do eu e do outro por uma visão horizontal de centro e periferia, de fora e de dentro, de luz e de trevas. Sendo assim, a experiência do cotidiano consiste em se perceber a dissociação crescente entre espaço/lugar/não lugar — objetivo/existencial e experiência/virtual/mágica.

Se nos resta como opção somente a globalização, como gerenciar identidade e diversidade?

As relações e conflitos entre identidade e alteridade, unidade e pluralidade, são inerentes a qualquer sociedade em qualquer tempo? Como

as sociedades antigas administraram as relações de identidade e alteridade? Como os historiadores antigos construíram e definiram o eu e o outro? Como nós, historiadores “modernos”, podemos observar, analisar e teorizar as relações sociais: numa visão hegemônica ou pluralista? Como se processa o lugar social de ambigüidade? Em que situação social encontra-se uma radicalização dos perfis de identidade?

A capacidade de liderar, de unir, de conquistar, de dominar, não é uma questão exclusivamente de força. O fator sedução é uma variável que não podemos deixar de incluir na construção dos nossos modelos de análise.

Grande parte da historiografia tradicional relativa às questões de identidade/alteridade e hegemonia/pluralidade encontrou no fator progresso a chave para elaborar generalizações teóricas. Este tipo de abordagem da sociedade foi capaz de explicar a organização sócio-política como uma seta sempre voltada para um futuro cada vez mais tecnicamente complexo e socialmente mais justo. Isto significa dizer que a abordagem evolucionista e progressista reconhecia as hierarquias sociais, as desigualdades e os conflitos como uma forma de passagem necessária para um mundo melhor. Em nome da necessidade do progresso técnico, era explicável a exploração, as discriminações, o racismo, a conquista e a dizimação de diversos tipos de cultura. Em nome da necessidade do progresso, se implantou um processo de conquista e de integração que não se reconhecia e nem se aceitava o outro. Qualquer tipo de alteridade ou diferença foi combatida por uma educação homogeneizante, por uma ideologia baseada no conceito de “civilização” e, com isso, se justificou as marginalizações, as discriminações, os massacres, as colonizações e as aberrações, como por exemplo, um homem do Zaire aprender nas escolas francesas, no próprio Zaire, que eles (africanos) eram descendentes dos gauleses. Com a mesma base teórica da necessidade do progresso, assistimos o holocausto dos judeus, dos palestinos, dos albaneses e muitos outros. A história das organizações sociais produziu uma idéia de que haveria uma evolução: primeiro o homem se organizou em bandos, depois tribos com chefias guerreiras, a seguir realezas, impérios e repúblicas. Este tipo de raciocínio fez com que sociedades que se mantivessem organizadas em tribos guerreiras ou realezas tribais fossem consideradas inferiores, marginais, subdesenvolvidas e periféricas. No século XVIII, as revoluções inglesa, francesa e americana corresponderam às contradições impostas por esta visão do futuro pautado seja na necessidade do progresso, seja na necessidade de um reino de deus (utopias do paraíso).

Dentro da própria lógica da evolução e do progresso, apareceu, por meio de revoluções ou de reformas, os Estados Nação ou Estados Nacio-

nais. Os Estados Nacionais impõem a “vontade” política de uma classe ou de seus representantes através de uma ordem social determinada, legal e legítima. Criam-se os direitos políticos universais do homem e a laicização do pensamento. A “razão/ciência” passou a predominar, só ela era capaz de dizer a verdade. A emoção passou a ser o irracional, o que tirava o homem da ordem política e o levava a transgressões e desordens.

Como podemos verificar, a formação e a implementação dos Estados Nacionais acirraram as contradições sociais tanto em nível de relações internas quanto externas. O poder político controlava o processo de integração social e a legislação procurava dar conta dos conflitos e das contradições de todas as ordens.

Paralelamente, a Ciência e a Tecnologia se aliam, criando um mundo mágico, de ficção sem tempo e sem espaço. A esfera pública se separa da esfera privada, a política se desvincula da economia, o mercado passa a ditar os valores sociais e a criar necessidades novas. A comunicação para as massas aparece sedutora como se o mundo fosse globalizado e todos fôssemos iguais. Paralelamente, os grandes capitais financeiros rompem as fronteiras nacionais.

O Brasil e outros Estados Nacionais se vêem num processo imperativo de mudanças; o homem ou o indivíduo sujeito ou mesmo a pessoa se vê perdida sem mais confiar nas antigas referências sociais e existenciais. Os meios de comunicação — televisão, internet, satélites — fizeram com que o tempo se acelerasse, o espaço se encurtasse e ainda criaram um grande número de não lugares.<sup>4</sup> A globalização é repetidamente colocada no centro das questões sociais deixando-nos perplexos e nos fazendo perguntar: como globalizar o diferente? Como homogeneizar o homem e a sociedade, se a diferença sempre marcou a vida do homem e das sociedades? Sempre houve conflitos e guerras quando se tentou forçar, abolir ou exterminar as diferenças.

Os brasileiros querem a globalização, a liberdade do mercado e dos capitais? Para quais grupos de brasileiros esta nova forma de organização interessa? Como reagir, visto que o caso brasileiro de descolonização e de socialização foi historicamente diferente de todos os outros Estados Nacionais? O processo de integração nacional brasileiro foi o de criação de espaços sociais de ambigüidades (do eu e do outro no mesmo tempo e no mesmo espaço), o que Roberto Damatta<sup>5</sup> chamou de “mestiçagem”. Espaços em que o patrimônio cultural simbólico passa alegoricamente de mão em mão criando uma unidade cultural que reconhece o outro e administra a diversidade ou as diferenças.

Como globalizar sem produzir discriminações, marginalizações, segregações, preconceitos, racismos, guetos e guerras? Por que abrir o mercado nacional aos capitais financeiros internacionais e especuladores? Será que só existem duas opções: ficar como país periférico ou entrar no novo mundo dos mercados abertos? Será que só existem relações binárias? O bom e o mal, o belo e feio, o claro e o escuro, o direito e o esquerdo, o qualificado e o desqualificado, os teóricos e os empiristas?

Será que não somos capazes de encontrar uma terceira, quarta, ou seja lá o que for, que corresponda aos nossos interesses? Será que não acionamos o nosso fator sedução?

Nós historicamente já temos competência em gerenciar a diversidade, já somos capazes de administrar as incertezas, somos treinados em conviver com desmandos, somos irreverentes nas relações hierárquicas, do tipo “sabe com quem está falando?” E já fazemos tudo isto há séculos.

Não temos uma receita pronta, porque não faz parte da nossa cultura aceitar imposições teóricas e nem modelos ditos “verdadeiros”. Faz parte de nossa experiência cultural produzir várias estratégias reconhecendo que todos têm suas particularidades culturais e psicológicas e esta diversidade é capaz de redefinir a globalização na sociedade brasileira. Não devemos considerar a sociedade como matriz dos comportamentos pessoais e coletivos, como se os “papéis” sociais fossem definidos por *status*, ou seja, por formas de autoridade, de normas e de valores.

Devemos pensar a sociedade como o lugar de encontro dos conflitos/tensões/problemas, o produto das combinações entre: práticas estratégicas diferentes, relações entre identidade e alteridade, hegemonia e pluralidade, poder/força/sedução sempre num espaço em que se pode construir um lugar de formação de projetos e de experiências de vida.

No espaço da produção de projetos, vale liberar a criatividade, a espontaneidade, o desejo/prazer e a sedução. No espaço de produzir projetos alternativos, vale o trabalho de equipe que precisa da diferença e do empenho de cada um para que se obtenha resultados — certos ou errados. No espaço da produção de projetos, ninguém dita a Teoria certa ou separa Teoria de Metodologia. No espaço da produção de projetos, cada um pesquisa para encontrar alguma coisa nova e não repetir o que existe como se fosse um catecismo.

Numa sociedade que nos impõe diariamente mudanças, os projetos são sempre provisórios e o êxito é relativo dependendo de cada nova situação. Diferentes ou iguais, só podemos viver, resistir ou modificar a sociedade da incerteza, como uma equipe em que cada dia estamos sempre juntos num jogo diferente.

## Notas

<sup>1</sup> RAMONET, Ignacio. Pensée unique et régimes globalitaires. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: PROGRAMA UNIVERSITÁRIO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS UERJ / UFRJ (Rio de Janeiro, 13-15 de abril de 1998). *Glogalização: o fato e o Mito*. Rio de Janeiro, 1998. pp. 33-49. (Professor da Universidade Denis-Diderot — Paris VII)

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> Alain Touraine (*Pourrons-nous vivre ensemble? Égaux et différents*. Paris: Fayard, 1997) trabalha com os conceitos de globalização e desmordenização.

<sup>4</sup> Para Marc Auge (*Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 1994) define alguns deles: "...em estradas, aeroportos, supermercados e shoppings, não se processa qualquer tipo de interação social."

<sup>5</sup> DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco. 1997; *Idem*. *A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.